

No centenário de João dos Santos: como se cria um mestre¹

Sérgio Niza*

Não há mestres sem que os discípulos os tenham instituído e nomeado. Ser mestre depende da emergência de um discípulo que o idealize, identifique e mantenha como seu mestre.

Oferecer-se como mestre não satisfaz a condição de ser aceite como tal. Essa surpreendente dádiva do discípulo que declara o mestre e reconhecendo-o o cria, acontece porque o cria para si.

Tal acontecimento não decorre de uma certificação institucional. Os mestres não se formam em instituições concebidas para o efeito. O seu estatuto não decorre do exercício técnico de uma profissão especialmente certificada como a de professor, médico ou psicólogo. O seu poder advém-lhe do outro e depende de condições particulares de relacionamento e intermediação. No dizer de António Nóvoa podemos apresentar-nos como professores, ou universitários, ou cientistas. Mas mestre é qualidade que apenas os outros nos podem atribuir.

Se é pela determinação de quem se torna discípulo que o mestre acontece, é pela generosa solicitude do mestre que esse encontro se pode tornar libertador.

João dos Santos, ao situar a origem dessa atribuição na natureza especial do encontro, evoca as condições de disponibilidade e de intersubjetividade que se impõem:

(...) mestres são os que acreditam no valor da relação humana, no florescer das ideias que são mito, e que sabem viver na floresta do conhecimento (...). Os mestres são modelos, modelos de disponibilidade. Ser ou estar disponível é ter uma vida interior que se organiza em termos de deixar espaço para a sensibilidade e para a sabedoria dos outros. O encontro não é só obra do acaso, é também obra da disponibilidade recíproca daqueles que se encontram. O encontro depende da convicção do que de perene existe nos nossos semelhantes (Santos, 1983, p. 267).

Sei hoje como a incitação inspiradora dos discípulos ao ocupar o espaço de acolhimento que os mestres lhes reservam imprime força mútua e torna cativante o caminho árduo mas entusiástico que esse encontro suscita.

Vem isto a propósito do meu mestre João dos Santos quando decorrem cem anos do seu nascimento. Dizia ele: "os meus mestres encontrei-os na vida e alguns na escola, porque eram meus mestres, são meus amigos" (Santos, 1983, p. 266).

É com a alegria do nosso privilegiado encontro que procuro evocar alguns suportes duradouros que a ele devo, para melhor compreender a vida e o devir do mundo.

Conhecemo-nos aquando dos segundo e terceiro cursos (1964-65 e 1965-66) de Aperfeiçoamento Profissional do Sindicato de Professores, concebidos e dirigidos por Rui Grácio.

Tais cursos eram constituídos por uma série de preleções de psicologia, de pedagogia e de didática geral, colóquios após as preleções, e grupos de formação em dinâmicas de grupo

* Formação.

¹ In Memórias para o Futuro. Lisboa: Casa da Praia (no prelo).

(T. group.) de caráter facultativo. João dos Santos encarregara-se dos “Problemas de inadaptação escolar”. Os cursos integravam-se numa perspetiva emergente de Educação Permanente e procuravam mobilizar, ativamente, os participantes a conceber e autogerir várias atividades complementares ao programa oferecido e que pudessem satisfazer outras suas necessidades culturais e profissionais. É nesse âmbito que é criado em Fevereiro de 1965 um grupo de trabalho que me propus coordenar, o “Grupo de Trabalho de Promoção Pedagógica” que veio a anteceder o Movimento da Escola Moderna. As preleções de João dos Santos transformou-as ele em entusiásticos colóquios onde se entrecruzavam episódios da vida profissional nos quais a relação com os alunos bloqueava ou se chocava com a segura dos rituais da escolarização ou com o tempo que rareava nesses lugares de encontros forçados ao desencanto e à indiferença. João dos Santos entrecortava os nossos depoimentos com curtas histórias exemplares que ao longo do tempo iam devolvendo, em réplica, a expressão contraposta dos nossos comportamentos, na esperança de que essas suas histórias fossem capazes de inverter o entendimento que tínhamos daquilo que ali íamos partilhando conjuntamente. Conhecemo-nos, então, nesses serenos e acolhedores colóquios de desassossego.

Voltaríamos a encontrar-nos pouco depois no Centro infantil Helen Keller de que era Director Clínico e onde entrei como professor, pela mão de Isabel Pereira, que fundara as “classes de amblíopes” com Maria Amália Borges, antecessoras do Centro.

João dos Santos reunia com os educadores e professores, semanalmente, em seminário, após as aulas da manhã.

Com a distância afetuosa de João dos Santos, aprendi a regular a tensão reservada dos 25 anos de idade que então tinha, na dinâmica de uma equipa de profissionais experimentados. As sessões eram pautadas pelo toque do relógio de pulso despertador que nos alertava para o tempo que esgotava. Debater-me com o ritmo do tempo do relógio de pulso despertador e a oportunidade das minhas intervenções, foi-

-me permitindo aprender a hierarquizar o indispensável perante o caudal de falas que pareciam rebentar na urgência de compartilhá-las. Aprender a regular o tempo e o princípio da cooperação na comunicação parece coisa simples e secundária, mas requer um contexto adequado e trabalho de maturação indispensáveis, sobretudo para os que pretendem aprender os segredos de uma profissão de educador.

Os relatos que trocávamos nesse contexto davam continuidade, então, à experiência que tivera nos cursos do sindicato.

Nas escolas, que se tornaram lugares incommunicantes, o facto de em contexto da profissão ter podido usufruir de um tempo previsto para poder pensar a interação dialogante na relação pedagógica foi uma aprendizagem, sem par, feita sobretudo com João dos Santos.

Os Seminários

Foi ainda no interior desses seminários (designação que dávamos aos encontros de supervisão formadora, em comunidade profissional, no Helen Keller ou no Colégio Claparède onde, por algum tempo, frequentei idêntico seminário por ele animado), que aprendi outras coisas determinantes de que escolho uma que, frequentemente, recordo aos meus muitos companheiros de trabalho na educação. Com frequência, nos seminários, avançávamos queixas sobre as situações que nos pareciam insuportáveis desencadeadas pelos comportamentos de alguns dos alunos. De quando em quando e consoante as situações, ele lançava-nos um repto: “o que é que fez para que isso tivesse acontecido?” E era então que o silêncio nos vencia e cada um, provavelmente, buscava desvendar a parte que lhe cabia nessa interação geradora de comportamentos que a escola procura anular com a invenção da “disciplina”, como forma de ocultar, no conflito, o papel do professor.

O que se revelava, sem grandes teorizações, a que João dos Santos não era dado, ou expressamente não usava para não destruir em nós a autodescoberta a que pretendia conduzir-nos, era a regra crucial da implicação em toda a rela-

ção humana que se assume como compromisso profissional: o que fiz ou não fiz para o que está a acontecer-nos.

Mais tarde, em 1978, em conferência realizada na Fundação Calouste Gulbenkian na semana de Estudos sobre a Infância e Juventude, tornava bem explícita a necessidade da implicação: “O educador, sobretudo o profissional, tem que perguntar a si próprio onde é que ele falha, quando há um problema de comportamento, um problema afetivo ou um problema da aprendizagem” (p. 5).

Na relação pedagógica, ao contrário do que acontece com demasiada frequência, atribui-se aos alunos ou às suas famílias a origem de tudo o que nos pesa ou se torna insuportável na atividade docente. Numa relação implicada e de qualidade impõe-se uma resposta serena, como no caso da recusa em partilhar o insucesso dos alunos ou nos seus comportamentos desafiantes que apelam à nossa humana autenticidade. Com efeito, a descoberta da força de que dispõe uma relação carregada de autenticidade, na interação educativa, devo-a também ao nosso convívio. E ao ler, um dia, em 1966, ao tempo da sua edição por Rogério de Moura, nos Livros Horizonte, o belo prefácio de João dos Santos (1966) em *A educação da criança: problemas quotidianos*, tornou-se mais claro esse imperativo de autenticidade que com ele incorporarei:

A educação pode ser encarada como um fenômeno cultural que orienta o diálogo com o educando e os outros educadores, mas a ação educativa deve sempre basear-se na relação espontânea, afetiva e instintiva. Quem educa são as personagens verdadeiras, e não as figuras ideais, (...) a educação não é uma matéria que se ensina, mas uma atitude que reflete o confronto das vivências do educando que fomos com o educador que pretendemos ser (p. XVI).

As palestras

Nos primeiros tempos do nosso convívio sucediam-se os encontros e variavam os formatos de formação pessoal e profissional sempre vividos com acentuada intensidade e espanto.

Um deles consistia na frequência das muitas palestras para que João dos Santos era solicitado nas mais diversas instituições para a saúde e educação que ia ajudando a organizar, e em lugares públicos e serviços onde as suas intervenções, cada vez mais prestigiadas, eram requeridas.

Acompanhavam-no, invariavelmente, um conjunto de pessoas próximas, um punhado de seguidores indefetíveis de que recordo Rogério de Moura, Alice Gentil, Cecília Menano, Maria Keil, Dora Benfeito, Isabel Pereira, entre outros a que eu próprio me juntei. Sentia-se confortado com a presença desejada desse colégio peregrinante que o seguia um pouco por toda a parte.

As palestras eram tempos coloquiais que arrancavam com uma curta charla de cativante improviso onde sempre se destacava a evocação de uma breve história colhida da sua muita experiência. Cedo alargava a sessão aos comentários e às histórias problemáticas dos participantes que, por vezes, ali estavam para fazê-lo falar sobre as suas próprias inquietações.

Espantava a sóbria delicadeza com que abordava algumas dessas situações de autêntica consulta pública, estendendo o sentido da resposta ao interesse de todos os presentes, envolvendo-os e salvaguardando a intimidade daquele que se expunha, de modo a tornar coisa nossa esse drama particular. Sempre no afã desmedido de construir a saúde mental, como higienista, através de atos públicos de formação, em que educação e saúde mental se fundiam, como exemplarmente nos ajudou a compreender.

Comemorações na Resistência

João dos Santos imaginou uma forma de contornar a lei de condicionamento de liberdade de reunião imposta pelo regime ditatorial em que vivíamos. A fim de se assegurarem projetos de estudo e de reflexão conjunta, propunha a colaboração das várias instituições a que estava ligado, que o fizessem no âmbito da organização de eventos como a celebração de centenários de personalidades ligadas à nossa

atividade ou que davam nome a algumas dessas instituições. Pudemos assim assegurar reuniões regulares de estudo e de trabalho de organização de exposições comemorativas e ciclos de conferências, com a colaboração dos embaixadores dos países de origem dessas personalidades.

Começámos pelo centenário de Ane Sullivan, a admirável professora de Helen Keller. O Centro de Investigação Pedagógica acolheu na Fundação Calouste Gulbenkian em edifício ainda improvisado, a exposição comemorativa da obra de Ane Sullivan a que acrescentámos outra, aproveitando para dar visibilidade ao trabalho pedagógico inovador que se realizava no Centro Infantil Helen Keller. Aí teve lugar também o ciclo de conferências aberto por Rui Grácio.

O centro da grande curiosidade e emoção de todos deslocou-se para os esforços que fizéramos para receber uma outra professora e a sua discípula, a senhora Cherubina Biancolini (freira sem hábito da ordem 3.^a dominicana) e Pinuccia (Giuseppina Manenti), jovem cega-surda, privada de olfato, que João dos Santos por surpreendente acaso conhecera em Milão aquando de um congresso médico no decurso da organização do centenário.

Coube-me acompanhá-las em boa parte da sua estadia em Lisboa, especialmente na visita que reclamaram ao Cristo-Rei em Almada. O que mais espanto e emoção me causou foi o modo como pude comunicar com Pinuccia em língua francesa, grafando por pressão do meu dedo indicador sobre o seu corpo, nas costas ou nos braços, as mensagens com que podíamos entender-nos.

Depois, foi em crescendo a sua avidez de tudo tocar e conhecer na travessia do Tejo, num cacilheiro, com a equipagem encantada por poder mostrar dos cordames aos motores, tudo aquilo que a sua curiosidade insaciável ia pedindo.

Foi, por fim, a esfusiente alegria de chegarmos ao varandim do socalco da estátua. Aí a professora fê-la medir, de braços abertos, o bojo circular do Cristo-Rei e explicou-lhe desde essa informação de partida, e por aproximações

comparadas e sucessivas, as dimensões e a orientação das componentes escultóricas do monumento, tudo com uma espontânea aptidão para ensinar o inacreditável. A minha principiante vocação de educador tolhia-se de admiração e de insignificância.

Em breve, estaríamos perante o público no salão da Fundação para que aquela autorrealizada professora continuasse a deslumbrar-nos ao contar como pudera educar, isto é, vencer, o que designava pela tripla prisão de Pinuccia: não falar, não ouvir e não ver. Ainda hoje, com viva exaltação me emociona lembrar o dramático percurso e o tão marcante trabalho de construção humana da senhora Biancolini.

Aqui deixo um curto apontamento do muito que nos disse. Em certo momento lembrara que, ao contrário do que se passou com a abastada Helen Keller, Pinuccia não poderia ter a educadora sempre a seu lado, pelo que teria de dispor de meios para os estudos em Braille e para o convívio com os cegos. Seria portanto melhor, em vez de utilizar o alfabeto manual (datilogia) conversacional dos surdos como ao tempo se recomendava, criar um alfabeto que se assemelhasse ao Braille e adaptado à mão. E explica: “realizei-o unindo os pontos e transformando-os em traços”, o que me parece mais conveniente.

Pinuccia está muito interessada no novo jogo. Segue os sinais que lhe traço, servindo-me do meu indicador, sobre a palma da mão, enquanto acompanho a sua outra mão na leitura da mesma letra em relevo. Compreende-me e repete os sinais na minha mão. Está exultante de alegria. Escrevo “está bem” apertando-a contra o peito: dois corações, uma única e profunda alegria.

Agora existe o fio condutor que, do exterior, penetra na tripla prisão e liberta a inteligência viva, a vontade de conhecer, de fazer: numa palavra, a vida (Biancolini, 1966, p. 31).

Sim, as chaves desse milagre que a educação promove erguiam-se das suas palavras em espetáculo para a posteridade. Um contexto de afectuosa empatia, uma construtora de milagres e um ou vários utensílios intermediários para

aprofundar a comunicação e podermos apropriar-nos, com os outros, da herança cultural, a fim de levarmos mais longe a humanidade que nos foi restituída.

Acentuo ainda como Biancolini com a sua brilhante inteligência criou para Pinuccia um código manual de equivalência Braille. Na educação, especialmente na educação escolar, os grandes passos pedagógicos são ovos de Colombo, insignificantes contributos capazes de romper as trevas.

Confesso-vos que quis um dia desistir das coisas da educação, como um crente que perde a fé na força da sua crença, na utilidade dela. E foi então que, imperativa, se me impôs a experiência iluminante, da força da mediação educativa, ao relembrar com emoção, a voz relâmpago da senhora Biancolini e o meu encontro inigualável com Pinuccia dias antes de se candidatar a professora de Braille na escola para o magistério em Milão.

Lembro ainda um outro Centenário, o de Eduardo Claparède, que nos levou a promover uma pesquisa sobre saúde mental e educação. Ao solicitarmos a colaboração da Embaixada da Suíça, o adido cultural desconhecia o centenário de Claparède e interrogou-se candidamente sobre o nosso interesse por tal cidadão suíço.

Outros contributos formadores

Com irreverência, a acompanhar o tempo, e efervescente de interrogações e ideias que antecipavam Maio de 68, João dos Santos desafiava-nos discretamente, sem alterar o tom de voz, quando se expunha perante públicos tão variados. Avançava, contador de histórias, as provocantes ideias da antipsiquiatria ou do combate às convicções que esgotavam, como hoje, o prazer de conhecer dos alunos ávidos da aventura cultural de compreenderem mais do mundo e mais da vida. Da psiquiatria institucional à pedagogia institucional, de Jean Oury a Fernand Oury e a tantos outros, era todo o universo cultural que herdáramos, agora fendido, assim caído em crise. E sempre a delicadeza e a elegância de, interrogando as conceções e as

ideias, fazer florescer novas soluções sem destruir pessoas. Antes abalando as regras cristalizadas ou os modismos técnicos das instituições agonizantes (a profusão de testes, os excessos da eletroencefalografia, e tantos outros instrumentos e utensílios supostamente indispensáveis para tratar ou educar).

Não querendo alongar esta evocação, lembro ainda o imperativo que João dos Santos se propôs de ajudarmos, todos os que se sentissem convocados, a partilhar conhecimentos sem restrições formalizantes. Pensava ele que se impunha, com urgência, alargar o conhecimento dos técnicos envolvidos nos serviços, nas instituições e no voluntariado solidário de muitos, que trabalhavam na educação e no desenvolvimento das crianças, sobretudo que vivessem em risco ou atravessassem situações de sofrimento.

Sei bem, como fiz minha essa missão pela vida fora. No serviço de educação terapêutica que dirigi em A-da-Beja propus como estratégia constituinte do trabalho que realizávamos com as crianças e as suas famílias, o compromisso de partilharmos o modo como o fazíamos, a outros técnicos de saúde, educação e ação social. E assim aconteceu, transformando-se o serviço num centro de formação permanente. Tal estratégia, inspirada na clarividência solidária e de cidadania de João dos Santos, serviu de força propulsora à nossa própria formação continuada e assim, formando, nos formávamos.

Acrescentarei ainda alguma coisa acerca dos mais potenciadores textos de formação que João dos Santos nos destinou, os seus dois volumes de *Ensaios sobre educação*.

Trata-se sobretudo de um conjunto de crónicas fundidas em episódios vividos por si, ou partilhados com alguém, no campo da profissão ou da vida comum de cada dia e que foram publicadas a seu tempo no *Jornal de Educação* a partir de 1978.

Boa parte destes textos, próximos de parábolas verdadeiras, cativa pela sua autenticidade, pela tensão discreta da emoção que as atravessa e pela elegância da sua escrita. Trata-se da vitória mais bela sobre os desacertos da escola que tanto o terá magoado, ao sublinhar sem sossego

os percalços da sua disortografia tão desacompanhada. Sim, pode-se ser um grande escritor disortográfico. Pobres dos professores que não sabem disso. O importante é ganhar o prazer não policiado pela escrita. A *toilette* ortográfica pode pedir-se emprestada a um corretor eletrônico. É por essas e muitas outras coisas que precisamos, com urgência, de pôr estes ensaios nas mãos dos educadores profissionais.

É tempo de recorrer à voz de George Steiner (2003), que dissertou sobre *As lições dos Mestres* e deles captou a ação e as forças propulsoras:

Não há ofício mais privilegiado. Despertar outro ser humano poderes e sonhos além dos seus, induzir nos outros um amor por aquilo que amamos, fazer do seu presente interior o seu futuro: eis uma tripla aventura como nenhuma outra (p. 148).

Ao evocar João dos Santos, quis envolver-vos nessa “aventura”, desde o lugar da minha escrita. Dado que, quer queiramos ou não, estamos sempre a contar histórias sobre nós próprios. Agora que escrevo sobre ele, é de mim que falo. É dele, na minha mente, acompanhando-me, que conto. E contando sobre ele, a sequência impositiva a que uma narrativa sempre nos sujeita, obrigou-me a evidenciar, por re-

troação, uma estrutura arquitetada de episódios, dispersos na memória. A intenção foi a de tornar mais evidente essa espécie de *academia invisível* que reconstitua o tempo germinal da nossa relação formadora. No interior de tal paideia, dele fiz um Sócrates redutivo e necessário na construção de mim e alicerce da nossa perdurable amizade.

Nestes dias de tanto desencanto, as suas histórias ajudar-nos-ão a compreender melhor que, se nos juntarmos para conversar, os caminhos surgirão e as portas poderão abrir-se, com as nossas mentes, pelas nossas mãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Biancolini, Ch. (1966). Conferência (na Commoração do I centenário do nascimento de Anne Sullivan). *Revista Portuguesa de Oftalmologia Social*, Vol. VII e VIII – 1966/69, pp. 31-45.
- Santos, J. (1983). *Ensaios sobre Educação II – Falar das Letras*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, J. et al (1966). *A educação da criança: problemas quotidianos*. Lisboa: livros Horizonte.
- Steiner, G. (2003). *As lições dos mestres*. Lisboa: Gradiva.